



[DES] AMORES

Antonio Sodré

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO

França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Natyelle Pinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S679d SODRÉ, Antonio, 1982 –
[DES] AMORES / Antonio Sodré –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017

64 p. : 21 Cm.

ISBN 978-85-5833-173-9

1. Poesia I. Título

CDD: B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra
só é permitida mediante autorização
expressa do autor e da Editora Penalux.

FETICHE

amor de poeta é a palavra
transmutada em sangue, em carne
e à luz vem por outros olhos

o verso cantado em silêncio
que ecoa fino, agudo
pelos sentidos, pelos poros

em primeira ou terceira pessoa
esse querer abstrato
essa vontade de se contar em versos

meu primeiro amor foi
uma boca úmida que recitava poemas
dos mais clássicos aos modernos

e tornou-se àquele dia
a melhor invenção que fiz de meus sonhos
meu maior fetiche, a Poesia

APARÊNCIAS

Pareço amar só o que não me contém
o que pouco me traduz
aos olhos alheios de mim

Pareço amar só o que não digo
minha natureza em baixo relevo
alta e nua em outros corpos

O riso fácil, tão à mostra
a mão firme na escolha
o jeito hábil para tudo, para todos
mesmo sem jeito

Só a simetria, auscultação
do batimento correto,
agitação pulsada sob controle

Pareço e tudo me desperta para o jogo
Pareço e todas as regras são claras...

Amar o quase-tudo, o tudo-ou-nada
o não-desistir-nunca
a virilidade esculpida no dorso

Pareço amar só a dúvida
se é amor ou revolta...

ENSINAGEM

talvez comer com as mãos
dê mais sabor à comida
tão cheia de nossos vícios

ao comer com as mãos, talvez
mais liberdade eu sinta, tão
cheio estou de frouxas amarras

dos talheres, eu compreendo
um modo de ser garfo e faca
a higiene do mundo, sua vaidade

engordurar os dedos, sujar
o canto da boca e guardanapos
a tentação de ser tentado

à mesa, tão bem posta
pouco me ensinaram como enxergar
por outras mãos, por outros olhos

talvez comer com as mãos
reconstrua o sentido que me falta
faça crescer o tato entre as falanges

talvez: onde mora o risco
na falta de ensinar a mim
ou na dúvida, amputar os dedos

VIA DE LÓTUS

Flor é depositário de sortes.
Ainda ontem, desfolhei medos
esperanças do cálice de um rosa
– dedilhando espinhos da haste
e em mim, espinhos a crescerem de fora para
[dentro –

Flor é imagética da Criação
tecido fino para escrever histórias.
À flor, cabe apenas o tempo de espera
de viver e morrer em si mesma
– palmo ao chão, ao céu de sua leveza –

Ainda me desperta a ideia
de aprender com flores.
Cintilar cores, cortar arestas.
Como preencher vazio incolor
curvar retas, voltar à forma orgânica.

Esse amor pelas flores
bem sei: não é simples ideia
entre tantas tentativas de me ensinarem a amar
o que por dentro, cá em meu peito
não floresceu antes por vontade.

Eu, que antes de ler Drummond
já amava o que o mar, em seu véu
de ondas e espuma traz e leva
o que o vento nos assobia em conchas...
Nesse ponto, foi só um reencontro de páginas.

Ainda me desperta a ideia
de aprender com flores.
Ser fonte para alguma sede
sentido este que a Natureza
em seus detalhes nos mostra
razão senão de um equilíbrio.

Sem a vaidade tão comum
que entre as pétalas
é só nossa vaidade que incide
força a criar botões de resina
por um amor às flores de plástico.

Todo amor reside nesse
pretense equilíbrio
de pertencimento.

Ainda me desperta a ideia
de aprender com flores.

FOME

Não vês, minha solidão é a alegria que guardo.
Sou feliz e triste nesse espaço de construir castelos
moradas subterrâneas.

Não vês, nomeio os seres que têm nome
dou forma às coisas que têm forma
sepulto a uma segunda morte
a perecível parte que nos cabe.

Não vês, a sensível outra realidade que transborda
nesses lapsos de esquecimento entre certo e errado
entre a razão e a loucura.

Não vês, eu enxergo o vazio entre as nuvens
[por teus olhos o adeus que
[nos acena todas as manhãs
a distância que se aproxima de nossos corpos.

E se volta, motivado pela fome, qualquer fome
já não sabes meu segundo nome
e a textura da comida é tua única urgência.

Esqueceste de tuas outras fomes
e em vão me alimenta de teus lógicos vazios...

NOVELA

Quisera o amor
como um beijo afogado
em mármore

fôlego comprimido
no peito, suspenso no ar
entre todas as carícias

Quisera o amor como um romance
que se saiba o fim, o meio
e o início

ciclo impermeável
à novas águas

De todas essas fundações
por sorte, o acaso
construiu em nós
uma nova página

base de reescrita,
alicerce de nossas percepções

Quisera o amor
como linha segura
que se enovela a vida.
E já me despeço.
Corte feito, novelo lançado.
Que se faça, então, a trama.



www.editorapenalux.com.br



Composto em Alegreya e
impresso em Pólen 90 gr/m²,
em São Paulo, para a Editora Penalux,
em agosto de 2017.